

Resumo: Após uma introdução que sintetiza várias características do pensamento e da ação pastoral de Jorge Mario Bergoglio – como jesuíta, professor universitário, superior provincial, bispo-auxiliar e arcebispo de Buenos Aires – o autor trata, primeiro “da renúncia de Ratzinger a Francisco”. A seguir, do “espírito que anima Francisco”, e da “irradiação de um pontificado”. Comenta, também, seus “gestos e iniciativas programáticas”. Analisa o fato de Francisco ser um “padre jesuíta”, e seu “perfil internacional”. Fala das prioridades do seu pontificado, da sua preferência de conceber a Igreja como um “hospital de campanha” e, por fim, da esperançosa síntese da *Evangelii Gaudium*, de 24-11-2013, a Exortação pós-sinodal na qual a Evangelização é apresentada sob a ótica da alegria cristã.

Abstract: After a lengthy introduction synthesizing various characteristics of the thought and the pastoral activity of George Mario Bergoglio — as Jesuit, teacher at the university, Provincial, auxiliary bishop and arch-bishop of Buenos Aires — the author deals first with the abdication of Ratzinger as Pope previously to the election of Pope Francis. Then he points out the “spirit which inspires Pope Francis”, and the “irradiation of his pontificate”. He makes some comments about his “gestures and programmatic initiatives”. He analyses the fact that Pope Francis is a “Jesuit priest” and that he shows forth “an international profile”. He also mentions the priorities of his pontificate, his preference for a Church compared to a “field hospital” and finally he envisages a hopeful synthesis of *Evangelii Gaudium* of 24-11-2013, in the words of the Post-synodal Exhortation which presents Evangelization in the light of Christian joy.

Evangelii Gaudium, Lumen Fidei A Alegria do Evangelho é a Luz da Fé

Interpelações do Papa Francisco para a Igreja de hoje*

Pe. José Artulino Besen**

* Aula inaugural do ano letivo de 2014 – ITESC/FACASC.

** O autor é especialista em História da Igreja, Professor emérito do ITESC, e Pesquisador da FACASC.



Jorge Maria Bergoglio é o primeiro latinoamericano e jesuíta eleito papa. Caracterizou-se, como Arcebispo de Buenos Aires, pela simplicidade e pelo amor ao/do povo. “Meu povo é pobre e eu sou um deles”, disse, para explicar sua decisão de morar num apartamento e preparar a própria refeição. Para seus padres, afirmava que a pior coisa que pode acontecer na Igreja é o que De Lubac chamava de “mundanidade espiritual, colocar-se no centro de si mesmo”.

Nasceu em Buenos Aires em 17 de dezembro de 1936, numa família de cinco irmãos. Diplomado como técnico químico, em 1958 ingressou no noviciado jesuíta. E, em 13 de dezembro de 1969 foi ordenado padre. Na Companhia de Jesus foi mestre de noviços, superior regional e provincial. Em 1992 foi eleito bispo auxiliar de Buenos Aires, com o lema *Miserando atque eligendo*. Em 3 de junho de 1997 foi promovido a arcebispo coadjutor e em 28 de fevereiro de 1998, arcebispo metropolitano.

Foi criado cardeal por João Paulo II no Consistório de 21 de fevereiro de 2001.

Como arcebispo, concebeu um projeto missionário centrado na **comunhão e na evangelização**, com quatro objetivos principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicato consciente; evangelização dirigida a cada habitante da cidade; assistência aos pobres e doentes.

Em setembro de 2009 lançou, em nível nacional a **Campanha de solidariedade** pelo bicentenário da Independência argentina: realizar 200 obras de caridade até 2016. Em chave continental, nutriu fortes esperanças a partir da mensagem da Conferência de Aparecida em 2007, denominando-a “a *Evangelii nuntiandi* da América Latina”.

Foi eleito bispo de Roma em 13 de março de 2013, numa solução não esperada, mas preparada e madura.

Observando seus escritos como padre jesuíta, como bispo e agora como bispo de Roma, pode-se definir a antropologia e teologia de Bergoglio como **pedagogia do encontro** – o povo tem voz, não é preciso dá-la. Jesus encontrava as pessoas e as escutava. Bergoglio fala do povo¹: “Quando estudava teologia, quando repassava o *Denzinger* e os tratados para demonstrar as teses, tocou-me muito uma formulação cristã: ‘O povo fiel é infalível *in credendo*, no crer’. Disso extraí uma fórmula que me

¹ Meditaciones para religiosos – 1982.



ajuda muito: “Quando queres saber o que crê a Mãe Igreja, dirige-te ao Magistério, porque esse tem o encargo de ensiná-lo de modo infalível; mas, quando queres saber como crê a Igreja, dirige-te ao povo fiel”. Isso se concretiza na fórmula: ‘O Magistério te ensinará quem é Maria, mas o nosso povo fiel te ensinará como se ama Maria’.

Deseja superar a **mentalidade iluminista**, nosso costume de achar que sabemos tudo e o povo nada. “Os povos têm costumes, capacidade de avaliação, conteúdos culturais que fogem de qualquer classificação: são soberanos em sua possibilidade de interpelar”. “Todos os povos têm voz, talvez reduzida a um sussurro devido à opressão. É necessário aguçar o ouvido e escutá-la, para que não queiramos falar em seu lugar. Para um pastor, a pergunta inicial de toda reforma das estruturas deve ser: ‘O que me pede o meu povo?’”²

A – DA RENÚNCIA DE RATZINGER A FRANCISCO

Diferente de Celestino V (1294), a renúncia de Bento XVI **não foi uma fuga institucional**, mas o oposto: “um ato de governo”. Não uma manifestação de fraqueza, um corte ou incidente histórico, uma prova de decisionismo. Foi uma reforma que modificou de modo irreversível a constituição material da Igreja, uma estrada e exemplo a ser seguido, pelo precedente introduzido para ser confrontado por cada sucessor, sem o refúgio e o álibi da tradição.

Com sua **revolução de veludo**, Bento XVI introduziu na galeria das formas de governo um modelo único no mundo, no qual uma das últimas monarquias absolutas se impõe um limite temporal, mas não determinado, confiado ao discernimento solitário de seu titular, convidado a colher na própria fragilidade física o aviso do término fixado por Deus: “... no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por profundas questões de grande relevância para a vida de fé, para governar a Barca de Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor,

² Cf. também o comentário à Congregação geral dos jesuítas de 1979, capítulo IV: “nossa missão hoje: diaconia da fé e promoção da justiça”. Na Conferência do CELAM em Aparecida, em 2007, falou da “cultura do encontro”; e também numa Missa em Buenos Aires, em 2012: “Jesus não fazia proselitismo, acompanhava. Deus é vizinho, vizinho à nossa carne. O Deus do encontro que vai ao encontro com o seu povo. Coloca seu povo em situação de encontro. E com essa vizinhança, com esse caminhar, cria a cultura do encontro que nos faz irmãos, nos faz filhos, e não membros de uma ONG ou de uma multinacional”.



tanto do corpo como do ânimo, vigor que, nos últimos meses, em mim diminuiu de tal modo que devo reconhecer a minha incapacidade de bem administrar o ministério a mim confiado”. Quando Francisco perceber chegada também sua hora de seguir o exemplo, certamente não o fará com uma declaração, mas com um gesto evocativo e simbólico, pois é um homem da linguagem das imagens. A renúncia de Bento XVI marcou o fim, encerrou qualquer nostalgia tridentina, e isso no modo mais forte.

Após um ano, o que mudou, naquele dia, na Igreja?³

O anúncio foi dado num modo particular, com muita contenção emotiva, quase sem *pathos*, no refinamento que sempre distinguiu Bento XVI. Ninguém podia imaginar a renúncia. Desde aquele dia muita coisa mudou na Igreja, especialmente nos órgãos do Vaticano: a Cúria, o Colégio Cardinalício, mas, sobretudo, no sentido da figura do Papa. Ratzinger deu humildade, humanidade e coragem a um ofício historicamente inamovível até a morte. O auxílio de Bento XVI agora é o do testemunho e da oração. Tem no coração o futuro da Igreja, e seu ministério é um ministério petrino total e profundo.

B – O ESPÍRITO QUE ANIMA FRANCISCO

Forte concentração na figura de Jesus – Francisco leva ao extremo as **conseqüências da encarnação do Filho**, e do Pai com ele: Deus chora, Deus espera, Deus procura, Deus perdoa. Deus se faz pobre para nos enriquecer.

É evidente sua opção pelos pobres, como o demonstra o tema da próxima JMJ⁴.

Deus se despojou e devemos nos despojar. Sinal concreto do despojamento pessoal de Francisco foi a renúncia a residir no Palácio

³ Cardeal SGRECCIA, em entrevista de 11 de fevereiro de 2014.

⁴ Francisco escolheu três temas para as próximas três edições das Jornadas Mundiais em nível diocesano, que marcam as etapas de preparação espiritual, que, no espaço de três anos, vão levar à celebração internacional prevista para Cracóvia (Polônia), em julho de 2016”. *A pobreza espiritual*, será o tema da edição de 2014. Jovens católicos serão convocados a meditar sobre a bondade de Jesus, em seu “Sermão da Montanha” narrado pelo evangelista Mateus: “Bem-aventurados os pobres no espírito, porque o reino dos céus é deles”. Em 2015, meditarão sobre a *pureza do coração*: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”. Finalmente em 2016, em Cracóvia, o tema de reflexão será: “*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*”.



Apostólico, preferindo residência menor na Casa Santa Marta, onde pode se encontrar mais facilmente com bispos, padres e leigos que vêm ao Vaticano.

Recordando a unidade entre a *Lumen Fidei* e a *Evangelii Gaudium*⁵, Fransisco convidou à reflexão sobre **a dimensão luminosa da fé**, sobre a conexão entre a fé e a verdade, buscada “não só com os olhos da mente mas também com os do coração, na perspectiva do amor”.

Paulo afirmava que se crê com o coração. “No entrelaçamento da fé com o amor compreende-se o conhecimento próprio da fé, sua força de convicção, sua capacidade de iluminar nossos passos. O entendimento da fé é o que nasce quando recebemos o grande amor de Deus que nos transforma interiormente e dá-nos olhos para ver a realidade”. Na Ressurreição de Jesus “os discípulos contemplaram não uma verdade puramente interior ou abstrata, mas uma verdade que se lhes abria no encontro com o Ressuscitado, na contemplação de sua presença, de sua vida, de seus mistérios. São Tomás de Aquino afirma que se trata de uma *oculata fides*, de uma fé que se vê”.

C – IRRADIAÇÃO DE UM PONTIFICADO

Em menos de um ano de pontificado **relançou a mensagem da Igreja** em todo o mundo. As presenças nos eventos onde ele está mais que triplicaram, chegando à cifra recorde de 7 milhões de pessoas.

É considerado mais que um amigo das pessoas: é um da família. Não surpreendem as milhares de cartas que chegam a cada semana, pacotes, objetos, de todo o mundo. Uns 30 sacos: cartas pedindo conselho, demonstrando afeto, uma poesia.

É o personagem com o maior número de buscas mensais no Google (1.737.300), o mais citado na web (mais de 49 milhões) se confrontado com Obama (1,5 milhão x 38 milhões). No twitter tem mais de 11 milhões de seguidores.

Quando ele telefona, escreve cartas, não é estratégia, são gestos que fazia na Argentina. Dava poucas entrevistas, fugia dos refletores e, em Buenos Aires, andando pela rua, poucos o reconheceriam. Não era um star mídia, mas sabe usar bem os MCS.

⁵ Alocução em 28 de janeiro de 2014 aos membros das Academias pontifícias, reunidos em sua XVIII sessão.



D – GESTOS E INICIATIVAS PROGRAMÁTICAS

Francisco promoveu iniciativas e gestos que revelam as diretrizes de sua ação eclesial. Entre tantos, podemos citar:

Visita a Lampedusa – gesto mais importante – 8/7/2013. Pequena ilha ao sul da Itália, Lampedusa é o local onde atracam embarcações carregadas de migrantes fugidos de guerras e da miséria da África e do Oriente Próximo. É clara a opção pelos deserdados da terra.

Em Assis (4/10/2013) o Papa pediu a São Francisco o dom da simplicidade. Assim respondeu a uma senhora: “Pedi o dom da simplicidade para mim e para toda a Igreja”.

O JEJUM mundial pela paz na Síria (7/09/2013).

Visita de Putin, Presidente da Rússia (25/11/2013) – Deixa de lado o chamado preconceito/preferência de aliança norte-atlântica por parte da Igreja.

SUCESSOR DE PEDRO, não de Constantino – no ano do 17º centenário do Edito de Milão (313-2013).

A nomeação dos **OITO CARDEAIS⁶ conselheiros**, denominados os Oito Sábios, não é uma criação sua: foi decisão dos cardeais no Conclave. Assumiu os compromissos e os faz seus.

O primeiro CONSISTÓRIO – supera o espírito de dioceses mais ou menos importantes. Deixa de lado Veneza e Florença por Perugia, e escolhe um bispo da periferia haitiana (Chibly Langlois, bispo da pequena cidade de Las Cayes, o primeiro da história do Haiti) e filipina (Dom Orlando Quevedo, de Cotabato, Mindanau, nas Filipinas. A arquidiocese de Cotabato nunca teve um cardeal).

LORIS CAPOVILLA, secretário de João XXIII, aos 98 anos é feito cardeal, por amor ao Papa João XXIII. Francisco, que chama João de “seu Papa”, lhe telefonou antes da indicação e pediu: “Reze ao Papa João para que eu seja melhor”.

CANONIZAÇÕES de João Paulo II e João XXIII – 27/4/2014 – domingo da Misericórdia.

⁶ Tornada oficial com o Quirógrafo de 30 de setembro de 2013.



Reforma da Cúria (21/09/2013) – diferente de Bento XVI, fez opção pelos diplomatas da grande escola diplomática do Vaticano, confiando aos Núncios missão pastoral e apostólica. Escolheu para Secretário de Estado o Núncio Pietro Parolin, da Venezuela. O salesiano Bertone não era diplomata e com ele a Santa Sé teve enfraquecido seu protagonismo internacional.

Nos postos importantes, vê-se a opção pela América Latina e a Espanha.

E – FRANCISCO, PADRE JESUÍTA

John Allen Jr, vaticanista da CNN, afirma: “Francisco age sempre sozinho e estimula a segui-lo”, atitude típica dos superiores jesuítas.

Há em Francisco um mix de temperamento pessoal e estratégia missionária de jesuíta.

Tem uma precisa fonte de inspiração: o falecido **Cardeal Martini**, que também falava da Igreja como Mãe com os braços abertos. Nessa abertura há o sinal das portas abertas das igrejas e locais de oração. Nem as portas dos Sacramentos deveriam estar fechadas por qualquer razão. A Eucaristia não é prêmio para os perfeitos, mas, um generoso remédio e um alimento para os fracos. Muitas vezes nos portamos como controladores da graça e não como facilitadores. A Igreja não é um balcão, mas a casa paterna onde há lugar para todos os que vivem sua vida fadigosa, já cheia de embaraços (cf. EG). Martini dizia: é preciso dar mais sacramentos, não limitá-los.

Não é um ingênuo, é um jesuíta e como tal tem uma vocação missionária e a capacidade de compreender o mundo. Aqui entra também o exemplo do Cardeal Martini: quando pergunta “quem sou eu para julgar um gay”, ou fala sobre a consciência, está citando o Catecismo, é coerente com a ortodoxia católica, mas o fato de afirmá-lo numa entrevista, ou escrevendo a um jornal ou a um não-crente, coloca tudo num contexto novo e original **Suas escolhas são pessoais**, também suas iniciativas, o que o diferencia de Bento XVI, que avaliava as propostas com os auxiliares. Ratzinger falava uma linguagem de especialista, era competente para reagir às provocações do mundo, e menos para tomar iniciativas. Jogava mais na defesa, enquanto que Francisco joga no ataque, como João Paulo II. Mas, enquanto João Paulo II agarrava e sacudia o mundo, Francisco usa mais o método da ternura.



Declara santo o jesuíta Pedro Favre, seu modelo de padre e missionário

Em 17 de dezembro de 2013 canonizou o jesuíta São Pedro Favre, apelidado de “sacerdote reformado”, conhecido pelo “magistério afetivo, isto é, capacidade de comunicação espiritual com as pessoas, que é a graça de saber colocar-se nas condições de cada um”. Favre foi o primeiro membro da Companhia de Jesus que assumiu responsabilidades em diversas partes da Europa, e morreu em Roma quando se dirigia ao Concílio de Trento. Era o mais velho dos companheiros de Santo Inácio e, junto com Francisco Xavier, o mais estimado também⁷.

⁷ Nasceu na Sabóia em 1506 e em 1525 estava em Paris no Colégio Santa Bárbara, onde compartilhou a casa com Francisco Xavier e conheceu um mais idoso estudante da Universidade de Salamanca, Inácio de Loyola. Tornaram-se amigos íntimos e decidiu seguir Inácio, sendo ordenado padre em 1534 e, em 15 de agosto desse ano em Montmartre celebrou a Missa onde os sete primeiros jesuítas fizeram os votos. Indo a Roma foi nomeado pregador apostólico. Paulo III o nomeou seu representante na Dieta de Worms em 1518, que fracassou e, no ano seguinte, à Dieta de Ratisbona. Favre estava convencido de que nem o imperador Carlos V nem os altos dignitários eclesiásticos se davam conta de que muito mais que as discussões com os hereges, o que a Igreja na Alemanha necessitava era a verdadeira reforma do clero e dos fiéis, pois notou como estava decadente a vida dos católicos. Dedicou-se à pregação e à direção espiritual em Speyer, Ratisbona e Mainz. Aqui, conheceu Pedro Canísio, ainda leigo, e dirigiu-o nos exercícios espirituais e o recebeu na SJ. Se a Renânia conservou-se católica, em grande parte deve-o à atividade e influência de Pedro Favre. Trabalhou com êxito em Colônia, cujo arcebispo, Herman von Wied, era protestante e ali ajudou a fundar a primeira residência dos jesuítas.

Em seguida, foi enviado a Portugal e depois à Espanha. Passando pela França, foi prisioneiro por sete dias. Fez o voto de jamais receber espórtulas pela Missa, a não ser que fosse uma injustiça perante outros sacerdotes. Na Espanha continuou o trabalho de oferecer os Exercícios espirituais de Santo Inácio ao clero e aos fiéis, alcançando grandes frutos. Para os cartuxos de Colônia traduziu para o latim os Exercícios. Um dos espanhóis que melhor experimentaram os frutos dos Exercícios foi o Duque de Gândia, Francisco de Borja.

Paulo III desejava que ele fosse um de seus teólogos no Concílio de Trento o que lhe causou tristeza, mas, aceitou por sentir que a obediência vale mais do que se declarar incompetente. Em 1546 aceitou o convite: estava doente, o calor era insuportável. O esforço foi excessivo e, mesmo que com apenas 40 anos, consumidos em viagens e trabalho, morreu em Roma, nos braços de Santo Inácio.

Favre deixou um “Memorial” onde escreve quase diariamente as graças que Deus lhe concedia. Não podia conceber a violência contra os protestantes e não nutria esperanças mas Dietas e conferências formais. Isso, porém, não o impediu de falar pessoalmente com Lutero e Melancton e refutá-los nas discussões públicas, com grande fruto. Considerava que era muito mais importante servir-se da persuasão para converter profundamente os corações e pelas mãos levá-los à mudança de vida e ao redil de Cristo. Escreveu: “É necessário que quem deseja ajudar os hereges de hoje lhes queira bem e realmente os ame e arranque de seu coração todos os pensamentos e sentimentos que tenha contra eles. O passo seguinte consiste em ganhar-lhes a boa vontade e o afeto, conversando com eles a respeito dos pontos em que estamos de



Na **pregação de Francisco**, a espiritualidade de **Santo Inácio** está unida com a meditação pessoal diária dos textos sagrados. **Sua pregação e comunicação** tem eficácia imediata e é capaz de atingir níveis altos. É um estilo de pregação inaciana, na qual é fundamental a meditação da Escritura. A cada manhã, levanta-se muito cedo e antes de celebrar a Missa medita os textos bíblicos e da tradição cristã. Desta raiz provém o uso freqüente de imagens: toda a literatura cristã e hebraica fica vazia sem imagens. Indo além da letra, atinge o espírito dos textos e sabe transmiti-los na pregação (criou até uma linguagem nova, como o uso das palavras **misericordiando, primereando**).

Isso é fruto do estar sempre nas fronteiras, próprio dos jesuítas desde o século XVI. Por sua formação, pelos 20 anos de auxiliar e arcebispo de Buenos Aires que palmilhou toda, do centro à periferia, Francisco está em condições de entender os jovens e qualquer outra pessoa, porque vêm de uma realidade existencial na quase ele soube mergulhar.

Perfil internacional de Francisco

Formou-se na última década pelas responsabilidades fora da Argentina, especialmente no trabalho junto ao CELAM. Foi duas vezes Presidente da Conferência episcopal argentina (até 2011), quando manteve contatos com o CELAM. Seus discursos aos bispos brasileiros e aos do CELAM foram os mais importantes, e retomou temas da Conferência de Aparecida, de 2007. Nessa Conferência amadureceu uma osmose com a religiosidade popular, e debateu entre os bispos no maior Santuário mariano do mundo. Em continuidade, suas reflexões apresentadas aos episcopados são indicações programáticas que ele confia a toda a Igreja, para que saia de si mesma e anuncie o Evangelho. Em seu mais importante discurso em Aparecida, afirmou, referindo-se ao **simbolismo da Virgem de Aparecida**, cuja imagem foi encontrada em dois momentos, primeiro o corpo, depois a cabeça: “Existem partes de um mistério, como

acordo com eles e cuidadosamente evitando os pontos controvertidos que levam ao distanciamento e à recriminação mútuos. O primeiro passo deve ser dado nas coisas que unem, não nas que separam”.

São Simão Rodrigues escreveu que havia em Favre um encanto e uma bondade jamais vistos em outro homem. Quando falava das coisas divinas, parecia ter nos lábios a chave dos corações, pois movia e atraía poderosamente os ouvintes.

O Processo informativo para a beatificação teve início em 1596 e foi ratificado em 1607 pelo bispo de Genebra, São Francisco de Sales. A Ata de confirmação do culto, em 1872.



partes de um mosaico, que encontramos e vemos. Em Aparecida, Deus nos ofereceu uma lição sobre si mesmo, a respeito de seu modo de ser e de agir. Escondendo-se nas águas profundas do rio Paraíba, emergiu da obscuridade do rio”.

Na JMJ-2013, mostrou ser pontífice, fazedor de pontes, cercado pelas multidões que o acolhiam e às quais acolhia sem poupar-se, retribuindo, sorrindo, apertando as mãos, acariciando e beijando crianças, idosos, doentes. Quando diz que ninguém deve se sentir excluído do afeto do papa, suas palavras não são de efeito, pois é aquilo que faz a cada dia.

F – PRIORIDADES DE SEU PONTIFICADO

Define: “Minha missão é no meio do povo” (28/3).

O povo de Deus quer pastores e não funcionários ou clérigos de Estado.

A Cúria romana não seja uma burocracia, como por engano alguém a julga, mas uma verdadeira comunidade de fé e de caridade, de oração e de ação (21/9). Solicita a toda a Igreja para que saia de si mesma, abandone a autoreferencialidade que sempre esteriliza, e sair a campo. Rejeita uma mentalidade que exclua, para construir uma cultura de inclusão e de encontro. Isso é mais significativo ainda por vir do Continente americano, do Novo Mundo.

Bento XVI insistia numa Igreja pequena, qualificada. Francisco fala duma **Igreja que recebe a todos, que recolhe e cresce**. Ajuntar os abandonados, os que estão longe, do que são sinais: a Carta de Francisco aos crentes (11-09-2013); a afirmação de que o Carreirismo é uma lepra (6/6/13); admoesta que bispos e padres fiquem longe da riqueza e da vaidade (15/5/13); denuncia os incalculáveis prejuízos que os carreiristas e arrivistas trazem à Igreja (8/5/13).

Para Francisco, seria equivocado pensar que o “**caminho da pobreza**” seja exclusivo de Jesus enquanto que nós, seus seguidores, poderemos salvar o mundo com meios humanos adequados: “A riqueza de Deus não pode passar através da nossa riqueza, mas sempre e somente através de nossa pobreza, pessoal e comunitária, animada pelo Espírito de Cristo”⁸.

⁸ *Mensagem para a Quaresma* de 2014, em 26 de dezembro de 2013, parágrafo 2: Jesus fez-se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9).



O PAPA DA MISERICÓRIA – É seu grande título e título de honra. Os seis primeiros meses⁹ mostram o Papa e a Igreja que não têm medo de sair e “entrar na noite” dos que estão afastados. Despertou uma atenção e simpatia que não param de crescer, mesmo que já surjam as críticas, compreensíveis e esperadas num perfil tão original de exercício do ministério petrino.

- Primeiro elemento dessa empatia: **testemunho pessoal da mensagem evangélica**, com pequenos e grandes gestos, pequenas e grandes escolhas quotidianas, a capacidade de encontrar a todos e de falar a todos, o ser simplesmente ele mesmo, o tornaram não só crível, mas também vizinho, “um de nós”. Olhar o tempo que gasta com doentes, crianças, sofredores antes e depois das Audiências. Não teme a ternura como Bispo de Roma. O nome escolhido, Francisco, salta aos olhos.
- Segundo elemento: o **magistério representado pelas homilias diárias** na Missa, na capela Santa Marta, com breves comentários às Leituras do dia, multiplicadas dia após dia para tanta gente, alcançando muito mais que as encíclicas ou debates culturais.

A mensagem que considera mais importante é a da misericórdia (paróquia Sant’Ana, 17 de março de 2013). Sem a misericórdia¹⁰, há pouco a se fazer para se inserir num mundo de feridos, necessitados de compreensão, perdão, amor. Serve uma Igreja capaz de fazer companhia... capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs. Serve uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles, capaz de interceptar sua estrada.

É evidente, para quem for capaz de olhar a realidade, livre de condicionamentos e prejudgamentos nostálgicos, que Francisco oferece um ar novo. No pré-conclave, Bergoglio se referia à necessidade de emagrecer a Cúria romana, o urgente, necessário e radical saneamento dos organismos financeiros vaticanos, as nomeações para os dicastérios da Santa Sé. Reformas necessárias que devem ter como critério último, continuou Bergoglio, somente o “bem das almas”.

“Tudo isso é importante, falou Pe. Lombardi, porta-voz da Santa Sé, à Rádio Vaticana, porque o que conta é o coração da reforma perene da vida da Igreja, e o Papa dá como exemplo sua **espiritualidade, sua atitude de humildade e proximidade** com as quais quer tornar-nos vi-

⁹ Cf. Andrea TORNIELLI, em *Vatican Insider*, 13 de setembro de 2013 – I primi sei mesi del Papa della misericordia.

¹⁰ *Discurso ao Episcopado brasileiro na JMJ*, no Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.



zinhos de Jesus, uma Igreja que caminha, vizinha à humanidade de hoje, particularmente da humanidade que sofre e que tem mais necessidade da manifestação do amor de Deus”.

Característica de sua atitude de humildade e proximidade é o **retorno ao essencial da fé** cristã e à radicalidade evangélica. Tal atitude dá força e credibilidade a mensagens como o **convite para a paz na Síria**, tornando possível um evento sem precedentes como a vigília de sábado, 7 de setembro: o Papa ficou quatro horas em oração na Praça de São Pedro, aos pés do ícone “Salus populi romani” e depois diante da Eucaristia.

G – A IGREJA, UM HOSPITAL DE CAMPANHA¹¹

Francisco aponta para o que é essencial, que é também o que apaixonava e atrai mais, o que faz arder o coração. Não quer uma Cúria de censores.

1) Fé e certezas – Francisco fala no “procurar e encontrar Deus em todas as coisas”, de Santo Inácio, e explica: “Nesse procurar e encontrar Deus em todas as coisas permanece sempre uma zona de incerteza. Deve permanecer. Se uma pessoa disser que encontrou Deus com certeza total, sem nenhuma margem de incerteza, não está bem. Se um tem resposta para todas as perguntas, isso é uma prova de que Deus não está com ele. É um falso profeta, que usa a religião para proveito próprio. Os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, sempre deixaram espaço à dúvida. Deve-se deixar espaço ao Senhor, não às nossas certezas; é necessário ser humilde. A atitude correta é a agostiniana: buscar Deus para encontrá-lo e encontrar Deus para procurá-lo sempre”.

Existe hoje a tentação de procurar Deus no passado ou nos futuríveis (futuro hipotético, ilusório). Certamente que Deus está no passado, nas pedradas que deixou. E é também futuro como promessa. Mas, o ‘Deus concreto’ está no hoje. Por isso as lamentelas nunca nos ajudam a encontrar a Deus. As lamentelas de hoje sobre “como o mundo está bárbaro” acabam por fazer nascer dentro da Igreja desejos de ordem entendidos como pura conservação, defesa. Não! Deus deve ser encontrado no hoje”.

2) Não insistir nos valores não negociáveis

O núcleo central da mensagem na longa entrevista à *Civiltà Cattolica* (seis horas, em 19, 23 e 29 de agosto – 29 páginas): “Eu vejo com

¹¹ Entrevista ao diretor da *Civiltà Cattolica*, Pe. Antônio Spadaro (19/9/2013).



clareza que o que mais falta à Igreja é a capacidade de curar as feridas e aquecer o coração dos fiéis, a vizinhança, a proximidade. Vejo a Igreja como um Hospital de Campanha após a batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem colesterol e diabetes. Deve-se curar suas feridas. E é necessário começar de baixo”.

“Não podemos insistir somente nas questões ligadas ao aborto, matrimônio homossexual e uso dos métodos contraceptivos”. Todos conhecem a doutrina da Igreja, não é preciso repetir as mesmas coisas. “Uma pastoral missionária não está obcecada pela transmissão de-articulada de doutrinas a serem impostas com insistência. O anúncio missionário se concentra no essencial, no necessário, que também é o que mais atrai e apaixona, que faz arder os corações, como aos Discípulos de Emaús”.

Não se fechar em pequenas coisas, pequenos preceitos. O mais importante é o primeiro anúncio: **Jesus Cristo te salvou!** Os ministros da Igreja devem, antes de tudo, ser ministros de misericórdia. O anúncio do amor salvífico de Deus é anterior à obrigação moral e religiosa. Hoje parece prevalecer a ordem inversa.

3) “A minha certeza: Deus está na vida de cada pessoa”.

A propósito dos gays: no vôo de retorno do Rio, da JMJ, em 28/7/2013: “Se uma pessoa é de boa vontade e procura Deus, quem sou eu para julgá-la? É o que afirma o Catecismo. A religião tem o direito de expressar a própria opinião a serviço do povo, mas Deus, na criação, os fez livres: não é possível a **ingerência espiritual** na vida pessoal” – Essa frase é a que mais causou repercussão, parecendo engano (V. Messori), trouxe estupor (L. Accatolli), (Santo Padre, use o poder das Chaves, tradicionalistas), mas ele a disse. Quando Deus olha uma pessoa, aprova sua existência com afeto, não a condena. Quando se acompanha uma pessoa com misericórdia, o Espírito Santo inspira a coisa justa.

“Aquele que hoje busca soluções disciplinares, quem tem tendência exagerada à “segurança” doutrinária, quem busca obstinadamente recuperar o passado perdido, tem uma visão estática e involutiva. E assim, a fé se transforma numa ideologia entre tantas. Eu tenho uma certeza dogmática: Deus está na vida de cada pessoa, Deus está na vida de cada um. Mesmo se a vida de uma pessoa é um desastre, destruída pelos vícios, pela droga ou qualquer outra coisa, Deus está na sua vida. Pode-se e deve-se buscá-lo em cada vida humana. Também se a vida de uma pessoa



é um terreno cheio de espinhos e ervas daninhas, há sempre um espaço no qual a semente boa pode crescer. É preciso confiar em Deus”.

4) Deus é maior do que o pecado

“Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, assumir a carga das pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, ergue seu próximo. Isso é puro Evangelho.

As reformas estruturais vêm depois, são secundárias. A primeira reforma deve ser a das atitudes. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, caminhar com elas na noite delas, saber dialogar e também descer em sua noite, em sua escuridão, sem se perder. O povo de Deus quer pastores, e não funcionários ou clérigos de Estado. Os bispos, especialmente, devem ser homens capazes de sustentar com paciência os passos de Deus em seu povo de modo que ninguém fique para trás, mas também para acompanhar o rebanho na busca de novos caminhos”.

5) Francisco é alérgico a ideologias, incluindo as cristãs e católicas:

Ideologia da religião constituída – ou legalista¹². Se o cristão é restauracionista, legalista, quer tudo claro e seguro, não encontra nada. A tradição e a memória do passado devem ajudar-nos a ter coragem de abrir novos espaços a Deus. Quem busca soluções disciplinares, segurança doutrinal, recuperar o passado perdido, possui uma visão estática e involutiva. E, deste modo, a fé se torna uma ideologia como tantas outras.

O discípulo da ideologia perdeu a fé¹³. Quando entra ideologia na Igreja, a ideologia na inteligência, nada se entende do Evangelho. Assim, tudo vem interpretado no sentido do dever, e não da conversão à qual nos convida Jesus. Eles seguem a estrada do dever, põem peso nas costas dos fiéis. Os ideólogos falsificam o Evangelho, pois são intelectuais sem talento, eticistas sem bondade. Mas, a estrada do amor, a estrada do Evangelho, é simples: é a estrada que os Santos entenderam.

A fé passa por um alambique e se torna ideologia¹⁴. Quando a fé passa por um alambique, torna-se ideologia. Jesus não está nas ideologias,

¹² Entrevista ao Pe. Antônio Spadaro, *Civiltà Cattolica* – 19/9/2013.

¹³ Homilia em Santa Marta – 19 de abril de 2013.

¹⁴ Homilia em Santa Marta – 17/10/2013.



pois elas convocam, não são como Jesus: ternura, amor, mansidão. Sendo discípulo da ideologia, o cristão mostra que perdeu a fé, não é mais discípulo de Jesus, é levado pela rigidez, transforma o conhecimento de Jesus num conhecimento ideológico e até naturalista. A fé se torna ideologia e a ideologia assusta, afasta o povo e afasta a Igreja do povo.

A fé é ativada pela conversão ao “simples Evangelho” – a ideologia espanta e não converte.

Qualquer hermenêutica do Evangelho, buscada fora dele, é ideologia.

Compreendem o mistério da Cruz somente aqueles que renunciam a qualquer outra hermenêutica de vida, e sabem que é necessário deixar que os mortos sepultem seus mortos. Desde o início houve a ideologização da mensagem evangélica, que é buscar uma hermenêutica de interpretação evangélica fora da mensagem evangélica e fora a Igreja.

Purificar o aspecto religioso do político.

A contaminação acontece tanto na direita tradicionalista quanto na esquerda social. Já no Evangelho se encontra isso: Judas acha um desperdício gastar o dinheiro com perfume, se podia ser dado aos pobres.

O ideólogo não sabe o que é o amor, pois não sabe doar-se¹⁵.

Em Buenos Aires, Bergoglio foi contra a participação das crianças e jovens nas passeatas contra a lei da saúde reprodutiva: “O jovem é mais sagrado do que um problema legislativo”

F – EVANGELII GAUDIUM¹⁶ – 24 NOV 2013

Francisco: a alegria do Evangelho pode reformar a Igreja

Fim do eurocentrismo

Centralidade dos pobres

Decentralização para as Conferências episcopais. O Documento de Aparecida é Documento-chave em seu pontificado, convite a libertar-se de tudo que encobre a missão de anunciar o coração pulsante do Evangelho entre os homens de hoje, assim como são.

¹⁵ Homilia em Santa Marta – 14/5/2013.

¹⁶ Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual – 24/11/2013.



Tem como pontos cardeais a **Lumen Gentium**, a **Ecclesiam Suam**, a **Evangelii Nuntiandi** e o **documento de Aparecida**, tocando nos pontos mais salientes da Igreja (é o coração de João XXIII e a mente de Paulo VI).

1) A alegria do Evangelho, “que enche o coração e a vida de todos que se encontram com Jesus. Os que se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, sempre nasce e renasce a alegria”. A comunidade evangelizadora mergulha “na vida quotidiana dos outros, diminui as distâncias, se abaixa até a humilhação, se necessário”. Conhece as longas esperas e o suportar apostólico. “Assume o cuidado com o grão e não perde a paz por causa da cizânia”.

Uma obra de todos, um encorajamento para orientar toda a Igreja numa nova etapa da evangelização, cheia de fervor e dinamismo. “Não é oportuno que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que surgem em seus territórios. Neste sentido, vejo a necessidade de proceder a uma **salutar descentralização**”.

É improrrogável aventurar-se “numa conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Não serve mais uma simples administração, mas todos ingressarem num permanente **estado de missão**”. A renovação não supõe uma teologia particular ou linha de pensamento eclesial, mas “uma escolha consciente para transformar cada coisa, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual, mais que para a **autopreservação**.”

Todos são chamados a colocarem-se em estado de “saída”, **também o papado e o exercício do ministério petrino**. Na descentralização, valorizar as Conferências episcopais atribuindo-lhes “também alguma autêntica autoridade doutrinal”, pois “uma excessiva centralização, ao invés de ajudar, complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária”.

2) Hierarquia das verdades

Emergem alguns pontos nevrálgicos. Reformular o modo como se dá o anúncio evangélico; discute o interventismo eclesial-midiático **focalizado em questões morais**, o que mutila a mensagem evangélica e a reduz a aspectos secundários, pois coloca o ensinamento moral da Igreja fora do contexto que lhe dá sentido.



O agir moral não pode prescindir da iluminação do Evangelho. Uma pastoral em chave missionária não fica obsessionada pela transmissão desarticulada de uma multidão de doutrinas que se tenta impor pela força da insistência. O anúncio missionário se concentra no que é mais belo, maior, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. Citando Santo Tomás, repete que no agir exterior a maior das virtudes morais da inteligência iluminada pela fé é a misericórdia: leva em conta os limites humanos, a condição em que vivem os homens. Santo Tomás sublinhava que **“os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos são pouquíssimos”**.

O **confessionário** é o lugar da misericórdia do Senhor e não uma sala de tortura.

3) Patologia eclesial – mundanidade espiritual. A segurança doutrinal ou disciplinar leva a um eliteísmo narcisista e autoritário: em vez de evangelizar, classifica as pessoas.

Pode ser fruto de “mundanidade espiritual” que pode acarretar tanto o fascínio do gnosticismo (o sujeito fica fechado à própria razão e sentimentos), quanto o neopelagianismo autoreferencial e prometêico (o sujeito confia em suas forças e pratica normas que o tornam fiel a normas do passado).

A consciência de possuir uma **segurança doutrinal ou disciplinar** cede lugar a um eliteísmo narcisista e autoritário onde, ao invés de evangelizar, se analisam e classificam os outros. Ao invés de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias no controlar. Nos dois casos, não interessam nem Cristo nem as pessoas.

4) As tentações dos “operadores de pastoral”

Sob o influxo da atual cultura globalizada, surge na Igreja a **autoreferencialidade** que marcou as iniciativas pastorais mais recentes: vai-se da **acídia paralisante** que une pessoas consagradas e leigas num pessimismo estéril, o que João XXIII chamou de profetas da desventura, que somente percebem ruínas e desastres. “É a **mundanidade espiritual** que se oculta atrás de aparências de religiosidade e até de amor à Igreja, e consiste no buscar, em lugar da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal”.

Francisco se refere às novas expressões de um nunca apagado gnosticismo, ou o neopelagianismo: “confiam unicamente nas próprias forças e sentem-se superiores aos outros porque observam determinadas



normas, ou porque são irremovivelmente fiéis a certo estilo católico próprio do passado”. Preferem ser generais de exército, sonhando com *planos apostólicos expansionistas, meticolosos e bem desenhados, típicos dos generais derrotados*.

Representam uma mundanidade asfixiante, escondida em roupagens espirituais e pastorais, doença que pode ser curada somente “respirando o ar puro do Espírito Santo”.

5) Uma Igreja plural

A ação missionária não é questão de contratados, especialistas: anunciar a alegria do Evangelho é ação de todo o povo de Deus, **um povo de mil rostos**, congregado pela graça de Cristo e não por homologações culturais. Não podemos querer que todos os povos expressem sua fé imitando modalidades adaptadas aos povos europeus. A fé não pode ser aprisionada numa cultura particular.

6) A emergência da homilia

Francisco valoriza o caminho da devoção popular com a qual o povo se autoevangeliza, expressando seu afeto por Jesus, pela Virgem e pelos santos. Mas, não se pode esquecer a **importância da homilia**, à qual dedica 23 parágrafos em 18 páginas. Lembra, como instrumento ordinário da pregação, a homilia durante a Missa. Não pode ser longa, parecendo conferência ou lição, nem moralística ou doutrinadora, nem lição de exegese. Ela deve ter um **caráter quase sacramental**. É o anúncio do Kerigma que deve ressoar no coração do cristão que confessa a fé cristã.

7) Fé e empenho social

A missão evangelizadora é desfigurada se não incluir “a indissolúvel ligação entre o acolhimento do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno”. Não escutar a voz do pobre significa colocar-se “à margem da vontade do Pai”: é uma preferência divina que tem consequência na vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter “os mesmos sentimentos de Jesus”.

Denuncia a **idolatria da economia** especulativa e das dinâmicas que condicionam o desenvolvimento e produzem pobreza. Devemos dizer um não à economia da exclusão e da iniquidade.



A opção preferencial pelos pobres está geneticamente longe de “qualquer ideologia, de qualquer intenção de utilizar os pobres a serviço de interesses pessoais ou políticos”.

Entre os pobres, o papa inclui os indefesos, os nascituros, as mulheres em situações difíceis onde o aborto parece ser solução a suas profundas angústias.

Surgiram críticas ao Papa “comunista”, inimigo do capitalismo e da iniciativa particular. Não procedem, pois Francisco segue fielmente a Doutrina Social da Igreja, pouco conhecida na Europa e América do Norte, mas estudada e seguida na América latina.

8) A vertigem da graça

Francisco convida a aventurar-se por terras desconhecidas, na vertigem provocada por sermos arrebatados ao agir de Cristo Redentor e de seu Espírito. Desde os tempos de Jesus, é o Espírito que faz os Apóstolos saírem de si mesmos e os transforma em anunciadores das maravilhas de Deus. O verdadeiro missionário, “que nunca deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivente em seu empenho missionário”.

“A missão não é um projeto empresarial, nem um espetáculo para se contar quanta gente dele participou, graças à nossa propaganda”.

Uma Igreja privada da força do Espírito é mundanizada, fascinada pelo sucesso, empenhada numa organização empresarial, cheia de estatísticas, projetos e avaliações, onde o principal beneficiário é a própria organização eclesiástica, não o Senhor. Uma Igreja privada do sigilo do Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, fecha-se num grupo de elite, não busca os que estão longe, nem as multidões com sede de Cristo. É corrupção imensa com aparência de bem. O caminho é a missão centrada em Jesus Cristo e no empenho pelos pobres.

G – SÍNTESE E CONCLUSÃO

A evangelização é apresentada sob a ótica da alegria cristã, porque o Evangelho é sempre um alegre anúncio. Reafirmação do primado do perdão de Deus, perdão que não deve ser buscado por mérito, mas que basta acolher como dom que Deus renova *setenta vezes sete* (cf. Mt 18,22).



O Papa não quer substituir-se aos episcopados das Igrejas no discernimento dos problemas nem na indicação de suas soluções. Ponto não costumeiro, mas significativo na sua Exortação, é o fato de que as notas **citam textos de algumas conferências episcopais**. A voz do Papa não substitui a dos bispos nem as anula.

A “conversão do papado” se insere no espaço da conversão exigida de toda a Igreja: se o papa convida todos – bispos, presbíteros e leigos – o apelo vale também para o papado no exercício do ministério petrino.

O ecumenismo, a busca da unidade dos cristãos é fruto também de uma conversão ao Evangelho, não a imposição de uma forma histórica do cristianismo católico. O Cardeal Ratzinger afirmava que as Igrejas ortodoxas não deveriam aceitar uma forma de ministério petrino diferente da exercitada no primeiro milênio. Ter a audácia de escutar o Evangelho e a grande Tradição e não brigar para ver quem é o maior ou o melhor.

Francisco retoma o tema conciliar da **hierarquia das verdades**, ocultado e silenciado nos últimos decênios. Convida a não nivelar as verdades da fé, os ensinamentos da Igreja e a moral: reconhecer o que é primário, fundamental, essencial, distinguindo o que é revestimento cultural. Não basta a obsessão pela ortodoxia para ser conforme ao pensamento de Jesus Cristo, não basta defender as formulações e esquecer de transmitir a substância. As expressões da fé devem ser plurais porque “multicolorida é a sabedoria de Deus” (Ef 3,10).

O Papa denuncia os hipócritas, os cristãos que gostam de revestir sua mundanidade disfarçada em atitude espiritual: são religiosíssimos na aparência, gritam seu amor pela Igreja, e dizem também que para afirmar a glória do Senhor eles também devem receber glória, pois são seus representantes. Demonstram solicitude por tudo o que é formal, mas não se preocupam com as ovelhas que lhes foram confiadas. Pensam ser solidários com a humanidade através de sua presença em ceias e recepções, mergulham num ativismo empresarial cujo beneficiário não é a Igreja dos fiéis, mas a instituição eclesiástica.

Entretanto, nesse clima primaveril, não se pode esquecer que a Igreja, para ser fiel a seu Senhor, conhecerá sempre mais fadiga, sofrimento, divisões. A *necessitas passionis* da Igreja é consequência da *necessitas passionis* de seu Senhor. A Igreja sempre passará pela tentação da mundanidade, de ceder ao espírito do mundo, a tentação mundana



de ser uma presença barulhenta, da vontade de contar pontos e de ser contada, com atitude de grupo de pressão.

Sempre será difícil realizar uma “Igreja pobre, de pobres e para os pobres”, que não conta com o apoio dos poderosos deste mundo.

O Papa necessita do apoio dos bispos, presbíteros e do povo para essa reforma. Mas, não esqueçamos, o Papa e a Igreja serão sempre mais escutados pelos que se reconhecem publicanos e pecadores, samaritanos e estrangeiros.

Florianópolis, 17 de fevereiro de 2014.

Endereço do Autor:

Paróquia N. S. Aparecida

Rua Colômbia, 450

Procasa

88117-225 São José, SC

E-mail: jabesen@terra.com.br